

Murilo Rubião

A ESTRÉLA VERMELHA



EDIÇÕES HIPOCAMPO

1953

As with Fernando,

was grande abraço

de

13. 14. - better bus at 53



holaser
53

*"E tôdas estas coisas são
princípios das dôres".*

MATEUS, XXIV, 8

A ESTRÊLA VERMELHA

A
Nelson Faria
Lucas Lopes
e Geir Campos

Murilo Rubião

A ESTRÉLA VERMELHA



EDIÇÕES HIPOCAMPO
1953

A ESTRÊLA VERMELHA

*"E tôda a ilha fugiu, e os montes
não foram encontrados".*

APOCALIPSE, XVI, 20

Não era apreensão. Simples rancor. Bastava vê-los sair, encaminharem-se ao campo, para que o ódio me transtornasse:

— Você o põe louco, Bruma!

Ela nunca respondia. Passava os braços pela cintura do meu irmão e afastavam-se rápidos.

À hora do almoço, Og chegava esbaforido, ansioso por contar-me detalhes de novos astros que vira durante o passeio. Quando Bruma, que não o acompanhava na correria do regresso, alcançava o alpendre, êle tentava vencer a minha hostil incredulidade, apelando para o testemunho dela:



— Não era uma linda estrêla, Bruma? Tão vermelha que parecia o sol!

— Pois era mesmo o sol, seu imbecil! — retrucava eu, irritado com a morbidez da sua imaginação.

Bruma discordava de mim. Com o mais meigo dos gestos e exibindo uma compreensão que atingia diretamente os meus nervos, pedia-me que acreditasse nele.

Tínhamos que discutir àsperamente todos os dias, após aquêles enervantes giros dos dois, pela várzea da fazenda. Og, jurando ter divisado astros azuis, verdes, amarelos e rubros, enquanto eu, cada vez mais convencido de que era Bruma que lhe enfiara aquelas tolices na cabeça, exaltava-me, movido por crescente indignação:

— Não existem.

Êle insistia, humilde e risonho:

— Você ainda os verá, Godô.

— Godô, não, sua anta! Godofredo!

Jamais se magoava com a minha agressividade, se bem que demonstrasse alguma pena por não lhe ser possível convencer-me. Os olhos vagos, distantes, como se dirigisse as palavras aos campos ou aos animais pastando ao longe, prosseguia:

— Como são lindos pela manhã! A violência das côres, no primeiro momento, assusta-nos. Depois, as tonalidades se amaciam, as nossas pupilas absorvem os raios...

— Raios! Só o médico acabará com essa loucura!

Geralmente acompanhava a frase com um murro certo no rosto d'ele.

Bruma chamava-me covarde e conduzia-o para o interior da casa.

Nem sempre me arrependia das minhas bruscas reações. Mas, constantemente, após aquêles atritos, procurava mamãe e tentava convencê-la da necessidade de se levar meu irmão a um psiquiatra.

Ela ladeava o assunto, vencida pelo estranho carinho que dedicava ao filho mais moço:

— Godofredo, você está amando Dora. (Bruma era apelido de nossa irmã de criação). Por que você não se aproxima dela, em vez de martirizar Og, que apenas estima os astros?

Mais irritado eu ficava, ouvindo-a falar daquele modo, sem que acreditasse estar agindo sob a inspiração do despeito.

Não amava Bruma. O que me perturbava era o seu corpo. Ao certificar-me, mais tarde, de que há muito uma paixão insidiosa rondava minha alma, já me encontrava tolhido por sentimentos contraditórios, e nenhum impulso generoso poderia levar-me a confessar um amor que se turvara ao contacto do ódio. Em vez de articular um plano que me conduzisse aos braços de Bruma, conforme aconselhava minha mãe, agarrei-me, irredutível, à idéia de separá-los. Revesti-me de paciência para alcançar êsse objetivo e aguardei o momento de agir. Circunstâncias fortuitas



deram-me a oportunidade desejada. Foi na volta de um dos passeios matinais que os dois faziam diàriamente. Eu estava lendo os jornais, na varanda, e quase não dei pela aproximação de Og, pois, ao inverso do que costumava proceder, entrara silenciosamente, sem alardear sua presença. Caminhava vagaroso, indo e vindo pela frente da minha cadeira, até que, não mais se aguentando, entregou-se ao entusiasmo da última descoberta:

— Êsse tem tôdas as côres, Godô. É o mais belo que já vi. Olha, olha! E arrastava-me para fora, apontando o firmamento. Abstive-me de qualquer comentário, apressando-me em chamar pela nossa mãe. Levei-a ao terreiro, mal ela me atendeu. Pedi que olhasse o céu, limpo como nunca estivera.

Impossibilitada de negar o progresso da demência do filho, não foi sem relutância que ela autorizou a ida de Og ao médico. Ainda, da porta, recomendava-me:

— Só consulta, nada de hospício!

Bruma seguiu-nos, mergulhada no mesmo mutismo com que assistira a tôda a nossa discussão. Na entrada da cidade, porém, fulminou-me com uma frase sêca:

— Você sabe que êle não está louco. No fundo, talvez desejasse dizer: “Você apenas me quer”. Mas, por lhe faltar a necessária coragem ou por saber-me ciente do verdadeiro sentido de suas palavras, tergiversava.

Evitei uma resposta direta, que poderia evidenciar as minhas reais intenções, torcendo a conversa:

— E você, Bruma, vê esse astro?

— Ainda não — respondeu, erguendo a cabeça em direção às grossas nuvens que cobriam o céu.

Alguns quarteirões antes do edifício onde iríamos procurar o psiquiatra, Og nos deteve, abruptamente:

— Repare, Godô! Não é possível que você não o veja. Que diversidade de côres!

As pupilas dilatadas, o rosto transfigurado, Og parecia mesmo contemplar um espetáculo único, que a ninguém mais seria dado ver. Estive para propor o nosso regresso à casa. Controlei o impulso; não a avassalante ternura que me invadira. Abracei-o, procurando ocultar as lágrimas que desciam pela minha face.

— Sim, é lindo. Não o perca de vista, que esta será a última vez que você o contemplará.

Além da barba negra, cortada rente, o olhar duro, alheio a fáceis emoções, dr. Henrique tinha uma fisionomia bastante grave.

Contei-lhe as manias de Og com um colorido e uma convicção que assustaram a mim mesmo. Não logrei impressioná-lo, pois logo voltou-se para meu irmão e pediu-lhe que descrevesse os seus astros prediletos.

Og entrou prontamente em longas considerações sobre as estrelas, satisfeitíssimo com a atenção que o clínico lhe dispensava. Enfadado com aquela arenga interminável, aparteei:

— Não acredito em astros!



Até então calada e apreensiva, Bruma riu. Um riso manso:
— Acredita em porcos, não?

Enlevado com a descrição que fazia, o mano não deu mostras de desagrado ao ver-se interrompido por nós. Continuou seguro, a voz ligeiramente alteada pelo entusiasmo, enumerando constelações, contando-lhes os hábitos, horários e formas. Quando chegou ao astro policrômico, o psiquiatra demonstrou sádico interesse, exigindo detalhes maiores, numa atitude que não condizia bem com a sua austera compostura. Tal a insistência dêle em saber ridículas minúcias da narração, que poderia passar por astrônomo, se acaso não o soubéssemos médico. Quis desfazer certas dúvidas que me ocorriam, experimentando a reação do dr. Henrique:

— Francamente, doutor, não entendo o seu método.

Uma onda de sangue subiu-lhe ao rosto. Evidentemente agastado com a minha intervenção, respondeu-me:

— Entenderá mais tarde, quando tratarmos do seu caso.

— Do meu caso?! Então o senhor não percebe que somente um louco pode ver astros de numerosas côres?!

— Não, nada vejo de anormal nisso.

Tornara-se mais calmo e agora indagava de Bruma, mostrando-me:

— Êle é sempre assim? Tem constantes assomos de irritação?

A resposta foi afirmativa. O psiquiatra caminhou para mim, prendendo-me os braços. Examinou-me as pupilas com grande atenção e balançou a cabeça, desalentado.

Libertei-me das suas mãos com um gesto brusco e fugi do consultório em desabalada corrida.

Minha mãe esperava-me no alpendre da fazenda.

— Ficaram lá e não mais desejo vê-los! — gritei, galgando as escadas.

Abrigando sòmente duas pessoas, a nossa casa parecia ter ficado maior. Também a quietude crescia lá dentro, onde apenas o olhar de mamãe formulava perguntas. Perguntas que ficavam sem respostas e me obrigavam a escapar para o campo, a vagar pelas estradas. Não ia longe. A lembrança de Bruma feria-me os pensamentos. Tinha a impressão de que, a qualquer momento, surgiria na minha frente. Porque em todos aquêles caminhos ela havia passado e tôdas as sebes falavam-me dos contornos do seu corpo.

A resolução veio lenta, conformada em saudade e remorso. E até chegar à cidade ainda não sabia o que pretendia fazer. Inesperadamente, tudo se aclarou: resoluto, tomei a direção do consultório do dr. Henrique.

Talvez a súbita revelação de um desejo, inconscientemente sufocado, tivesse embaralhado a minha mente, pois não encontrava o edificio visado. No lugar onde êle deveria erguer-se havia um lote baldio. Parei um instante, afim de orientar-me. Embalde. Não atinava com outro caminho. A rua era mesmo aquela. A única alternativa seria informar-me. As diversas pessoas a quem indaguei pelo prédio, afirmaram não saber da existência de algum com os dez andares mencionados por mim — o maior da cidade

possuía dois pavimentos. Nem ao menos, entre os cinco médicos do lugar, conheciam um com o nome de Henrique. Fiz um esforço violento para repelir o desânimo que já se insinuava no meu coração. Percorri novamente o lugarejo, fiz novas perguntas. Inútil e angustiosa busca.

Voltei ao lote. Sentei-me na grama e me abandonei ao desespêro. Jamais reencontraria Bruma, em vão tentaria recuperar os dias da infância. Dias felizes, eu sabia agora. Sôbre os braços, chorei longamente. Quando me levantei, já prestes a findar a tarde, estendia-se na minha frente enorme estrêla vermelha. Pouco a pouco, ela se desdobrou em côres. Tôdas as côres.



D. JOSÉ NÃO ERA

“Porque nós somos de ontem, e o ignoramos, porquanto os nossos dias passam como a sombra sobre a terra.”

JÓ, VIII, 9

Uma explosão violenta sacudiu a cidade. Seguiram-se outras — menores e maiores. Desnorleado, o povo corria de um lado para outro. Alguém, que não perdera a calma no meio de tanta balbúrdia, gritou:

— Não é o fim do mundo!

Eliminada a pior hipótese, surgiram novas conjeturas. Para um bombardeio, faltavam os aviões. Exercícios de artilharia?

— Muito provável, apoiaram alguns, apressados em explicar a mistério.



— *E os canhões?* — indagaram os mais lúcidos.
Houve quem falasse de acidentes complicadíssimos, para, em seguida, concordarem todos: D. José estava matando a espôsa a dinamite.

Os populares hesitaram em aproximar-se do prédio. Após curto silêncio, vários estampidos foram ouvidos. Um vagabundo, que ainda não se emocionara com os acontecimentos, comentou:

— *Será que a dinamite foi insuficiente e êle recorreu ao revólver?*

Tornaram-se pálidos os rostos e, ansiosos, aguardaram o final do drama.

1 — Tragédia?

Não. D. José estava experimentando fogos de artifício.

Ninguém quis confessar o profundo desaponto nem o gasto inútil de imaginação que, naquela meia hora de tortura, fôra excessivo nos circunstantes.

— Não a matou desta vez, mas não escapará de outra. O ódio dêle por d. Sofia é tremendo.

2 — D. José odiava alguém?

Calúnia! Não só amava doidamente a mulher, como era demasiado carinhoso com ela. D. Sofia, sim. Não lhe tinha nenhum afeto. Infelicidade conjugal? Nunca! Os esposos combinavam a dmiravelmente bem.

Mas, entre os habitantes da cidade, não havia quem acreditasse nisso:

— Ela finge amá-lo sòmente pela sua riqueza.

Estúpidos! D. José era o homem mais pobre do município e tinha uma úlcera no estômago.

3 — À mais leve contestação, contrapunham-se novas acusações:

— E os meninos, que choram noite a dentro, esfomeados, espancados?

Falso! D. José perdera os filhos (cinco apenas), vítimas da tuberculose. Agora recordava-se dêles manipulando um aparelho que imitava o pranto infantil; e comovia mais que qualquer chôro de criança.

4 — D. José falava sempre de um livro que estava escrevendo. Cheio de monstros.

Era um fabulista?

Não. Os monstros viviam na sua própria casa, ao alcance dos seus olhos.

Seria a mulher um dêles?

Jamais o disse a alguém.

5 — Um dia encontraram D. José enforcado. Disseram imediatamente:

— Está fingindo que se suicidou. O nó está pouco apertado.

— Olha que cara matreira. Está zombando de nós.

Infâmia! D. José se suicidara mesmo.

Por que?

Todo o mundo fingiu não saber.

6 — Aos que lhe tomaram a defesa, anos após a sua morte, perguntavam:

— Afinal, o que fazia êsse D. José? Se não fumava, não bebia, não tinha amantes?

— Amava o povo.

— E o povo?

— Observava ferozmente todos os passos de D. José.

7 — Mais tarde erigiram-lhe uma estátua. Com um dístico: "D. José, nobre espanhol e benfeitor da cidade."

Derradeira mentira! D. José era um pobre diabo e não possuía nenhuma nobreza espanhola. Chamava-se Danilo José Rodrigues.



FLOR DE VIDRO

*"Também eu fui reduzido ao nada
e não o entendi."*

SALMOS, LXXII, 22

Da flor de vidro restava somente uma reminiscência amarga. Mas havia a saudade de Marialice, cujos movimentos se insinuavam pelos campos—muitas vezes verdes, também cinzentos. O sorriso dela brincava na face tósca das mulheres dos colonos, escorria pelo verniz dos móveis, desprendia-se das paredes alvas do casarão. Acompanhava o trem de ferro que eu via passar, tôdas as tardes, da sede da fazenda. A máquina soltava fagulhas e o apito gritava: Marialice, Marialice, Marialice. A última nota era angustiante.

— Marialice!

Foi a velha empregada que gritou. E fiquei sem saber se o nome brotara da garganta de Rósaria, ou do meu pensamento.

— Sim, ela vai chegar. Ela vai chegar!

A voz chegou quente aos meus ouvidos e balancei a cabeça, para afastar uma saudade de doze anos.



Sacudiu-me o corpo a violência de uma realidade inesperada. Afobado, coloquei a venda negra na vista esquerda, há muito inutilizada, e passei a navalha no resto de cabelo que me rodeava a cabeça.

Lancei-me pelas escadarias abaixo, empurrado por uma alegria desvairada. Ao alcançar a várzea, fui correndo por entre áleas de eucaliptos.

Marialice saltou rápida do carro e foi me abraçando:

— Oh! meu general russo! Como está lindo!

Não envelhecera tanto como eu. Os seus trinta anos, ágeis e lépidos, davam a impressão de vinte e dois. Sem vaidade, sem ânsia de juventude.

Antes que chegássemos a casa, apertei-a nos meus braços, beijando-a demoradamente.

Não opôs nenhuma resistência e compreendi que viera para viver comigo.

Horas depois (as paredes conservavam a umidade dos beijos), perguntei-lhe pelo que fizera durante a ausência.

Preferiu responder à sua maneira.

— Ontem, pensei muito em você.

A noite nos surpreendeu sorrindo. Sorrindo à toa. As mãos unidas. Quis falar em Mário, mas me convenci de que não houvera outros homens. Nem antes nem depois.

As moscas de tôdas as noites, que sempre velaram a minha insônia, não vieram.

Acordei cedo, vagando ainda nos limites do sonho. Olhei para o lado e, não vendo Marialice, tentei reencetar o sono interrompido. Pelo meu corpo, porém, perpassava uma seiva nova. Joguei-me fora da cama e encontrei, no espelho, os meus cabelos antigos. Brilhavam-me os olhos e a venda negra deixara de existir (a paisagem já não me aparecia através de uma vista apenas).

Ao abrir a porta, dei com Marialice:

— Seu preguiçoso! Esqueceu-se do nosso passeio?

Contemplei-a maravilhado, vendo-a jovem e fresca. Dezoito anos rondavam-lhe o corpo esbelto. Agarrei-a com sofreguidão, e desejei lembrar-lhe a noite anterior. Silenciou-me a convicção de que doze anos tinham desaparecido diante de nós.

Oroteiro era antigo, mas algo de novo irrompia pelas nossas faces. A manhã mal despontara e o orvalho passava do capim para os nossos pés. Os meus braços rodeavam os ombros da minha namorada e, a miúdo, interrompia a caminhada para beijar-lhe os cabelos. Ao nos aproximarmos da mata — término de todos os nossos passeios — o sol brilhava intenso. Larguei-a na orla do cerrado, embrenhando-me pelo mato a dentro. Acompanhava-me com dificuldade e, exasperada, gritava:

— Bruto! Ó bruto! Me espera!

Rindo, sem me voltar para trás, os ramos arranhando-me o rosto, desapareci por entre as árvores. Ouvia, a espaços, as suas imprecações:

— Tomara que um galho lhe fure os olhos, diabo!



De lá, trouxe-lhe uma flor azul.

Marialice chorava. Aos poucos acalmou-se, aceitou a flor e deu-me um beijo rápido. Avancei para abraçá-la, mas escapuliu, correndo pela estrada a fora.

Mais adiante tropeçou, caindo. Segurei-a no chão, enquanto ela resistia, puxando-me os cabelos.

A paz não tardou a retornar às nossas frentes, porque o nosso amor se nutria da luta e do desespero.

Os passeios sucediam-se. Mudávamos o horário e acabávamos na mata. Às vezes, pensando ter divisado a flor de vidro no alto de uma árvore, comprimia Marialice entre os meus braços. Ela assustava-se, olhava-me silenciosamente, esperando que eu revelasse alguma coisa. Contudo guardava para mim as razões do meu terror.

O final das férias coincidiu com as últimas chuvas.

Debaixo de tremendo aguaceiro, levei-a à estação.

Quando o trem se pôs em movimento, a presença da flor de vidro revelou-se imediatamente. Os meus olhos se turvaram e um apêlo rouco desprendeceu-se dos meus lábios.

O lenço branco, sacudido da janela, foi a única resposta. Porém os trilhos, paralelos, sumindo-se ao longe, condenavam-me a irreparável solidão.

Na volta, um galho cegou-me a vista.

A LUA

*"Seja aquela uma noite solitária, e
não digna de louvor"*

JÓ, III, 7

Nem luz, nem luar. O céu e as ruas permaneciam escuras, prejudicando, de certo modo, os meus desígnios. Sólida, porém, era a minha paciência e outra cousa não fazia que vigiar os passos de Cris. Tôdas as noites, após o jantar, esperava-o, encostado ao muro de sua residência. Despreocupava-me em esconder-me, ou tomar qualquer precaução para fugir a seus olhos, pois nunca se abalava com os fatos que se desenrolavam em tôrno dêle. A profunda escuridão que nos cercava e a rapidez com que, ao sair de casa, ganhava o passeio, jamais me permitiram ver-lhe a fisionomia. Resoluto, avançava pela calçada, como se tivesse um lu-



gar certo para ir. Pouco a pouco, os seus movimentos tornavam-se preguiçosos e indecisos, desmentindo-lhe a determinação anterior. Acompanhava-o com dificuldade. Sombras maliciosas e traiçoeiras vinham ao encontro do meu peito, forçando-me a irritantes recuos. O invisível andava pelas minhas mãos, enquanto Cris, sereno e desembaraçado, locomovia-se facilmente. Não parasse êle repetidas vêzes, impossível seria a minha tarefa. Quando vislumbra o seu vulto, depois de tê-lo perdido de vista, por momentos, encontrava-o agachado, enchendo os bolsos internos com coisas impossíveis de serem distinguidas do local donde eu o espreitava.

Bem monótono era segui-lo sempre pelos mesmos caminhos. Principalmente por não o ver entrar em algum edifício, conversar com amigos ou mulheres. Nem ao menos cumprimentava um conhecido.

Na volta, madrugada alta, Cris ia retirando de dentro do paletó os objetos que colhera na ida e, gradativamente, lançava-os longe de si. Tinha a impressão de que êle os examinava com ternura antes de livrar-se deles.

Alguns meses decorridos, os seus passeios obedeciam ainda a uma regularidade constante. Sim, invariável era o trajeto seguido por Cris, apesar da aparente falta de rumo com que caminhava. Partindo da sua casa, descia dez quarteirões em frente, virando na primeira praça do percurso. Dalí percorria pequeno

trecho, enveredando-se imediatamente por uma rua tortuosa e estreita. Quinze minutos depois atingia a zona suburbana da cidade, onde os prédios eram raros e sujos. Sòmente estacava ao deparar uma casa de armarinho, em cuja vitrina, forrada de papel crepom, encontrava-se, permanentemente exposta, uma pobre boneca. Tinha os olhos azuis, um sorriso de massa.

Uma noite—já então me acostumara ao negro da paisagem—constatei, ligeiramente surpreendido, que os seus passos não nos conduziriam pelo itinerário da véspera. (Havia algo que ainda não amadurecera suficientemente para receber tão súbita ruptura de hábitos. Também quaisquer reflexões seriam extemporâneas).

Nesse dia, o andar firme, seguiu em linha reta, evitando as ruas transversais, pelas quais passava sem se deter. Atravessou o centro urbano da cidade, deixando para trás a avenida em que se localizava o comércio atacadista. Apenas se demorou uma vez—assim mesmo momentâneamente—defronte a um cinema, no qual meninos de outros tempos assistiam a filmes em série. Fêz menção de comprar entrada, o que deveras me aterrorizou. Se isso se consumasse, os meus projetos teriam um fim inesperado. Contudo, a sua indecisão foi breve e prosseguiu a caminhada. Enfiou-se pela rua do meretrício, parando, a espaços, diante dos portões, espiando pelas janelas, quase tôdas muito próximas do solo.

Em frente a uma casa baixa, a única da cidade que aparecia iluminada, estacionou hesitante. Tive a intuição de que aquêla

seria o instante preciso, pois se, arrependido, êle retrocedesse, não lograria outra oportunidade como aquela. Corri para o lado dêle e, sacando do punhal, mergulhei-o nas suas costas. Sem um gemido e o mais leve estertor, caiu no chão. Do seu corpo magro saiu a lua. Uma meretriz que passava, talvez movida por impensado gesto, agarrou-a nas mãos, enquanto uma garoa de prata còbria as roupas do morto. A mulher, vendo o que sustinha entre os dedos, se desfez num pranto convulsivo. Abandonando a lua, que foi varando lentamente o espaço, ela escondeu a face no meu ombro. Afastei-a de mim, e abaixando-me, contemplei o rosto de Cris. Um rosto de criança. Os olhos azuis, o sorriso de massa.



Exemplar V
de Aut. 1

18

COMPOSTO A MÃO. ÉSTE É O DÉCIMO OITAVO LIVRO DAS 'EDIÇÕES HIPOCAMPO' E ACABOU DE IMPRIMIR-SE A 30 DE SETEMBRO DE 1953, EM NITERÓI TIRARAM-SE CENTO E DEZESSEIS EXEMPLARES EM PAPEL INGRES, AUTENTICADOS PELO AUTOR: DE 1 A 100 PARA OS SUBSCRITORES, DE 1 A X PARA O POETA, DE A A F PARA OS EDITORES GEIR CAMPOS E THIAGO DE MELLO

A ILUSTRAÇÃO (FORA DO TEXTO) É DE NOLASCO